



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA ROBERTA SILVA DE SANTANA

SOBRE STEPHANIE E ODARA: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM *UMA PRINCESA NADA BOBA*

GUARABIRA / PB
2019

MARIA ROBERTA SILVA DE SANTANA

SOBRE STEPHANIE E ODARA: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM *UMA PRINCESA NADA BOBA*

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura infantil e juvenil / Literatura afro-brasileira

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA / PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S231s Santana, Maria Roberta Silva de.

Sobre Stephanie e Odara [manuscrito] : representação e identidade em uma princesa nada boba / Maria Roberta Silva de Santana. - 2019.

34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura afro-brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Representatividade. 4. Identidade. I. Título

21. ed. CDD 808.068

MARIA ROBERTA SILVA DE SANTANA

SOBRE STEPHANIE E ODARA: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM *UMA PRINCESA NADA BOBA*

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Infantil e Juvenil. / Literatura Afro-brasileira

Aprovado em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora

Maria Neni de Freitas
Prof.^a Dra Maria Neni de Freitas
UEPB – Examinadora

João Paulo da S. Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
IFPB – Examinador

A todas mulheres negras que lutam diariamente contra todos os tipos de opressão e silenciamento de sua identidade. Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me dar saúde e força para seguir esta árdua caminhada, mesmo diante das dificuldades que atravessaram o meu percurso acadêmico.

À Janaina de Lima, por todo incentivo, por me fazer acreditar em minha capacidade quando eu desacreditava. Pela força, pelo apoio e pelo carinho que sem dúvidas foram essências para que eu pudesse concluir esta etapa tão importante em minha vida.

À minha família, em especial, as pessoas de Elenice, Paulo, e Elizane Andrade, querida prima e mãe de criação. Por todos os seus ensinamentos, conselhos e por sempre me incentivarem a estudar.

Ao meu irmão, Rian, por ser meu grande admirador, pelo apoio e por me auxiliar com as minhas obrigações.

À professora Rosângela Neres, pelo carinho e disponibilidade em ser minha orientadora, por todo amor e dedicação através de suas aulas, a quem devo parte do meu amor e interesse pelos livros, em especial a literatura infanto-juvenil e a literatura afro-brasileira.

Ao professor João Paulo Fernandes, que sempre me incentivou e colaborou para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Suas aulas foram de grande importância para que eu superasse os meus desafios internos. João Paulo, me mostrou que é no “desenvolva” que tudo tem um início e pode ser construído e melhorado.

Ao professor Eduardo Valones, pelo carinho, pela confiança e pelas oportunidades.

À professora Neni, pelo carinho, pelos conselhos, por ser esse ser humano tão iluminado. Obrigada também pela oportunidade de participar do seu curso de extensão sobre Literatura Paraibana, que mostrou histórias da Paraíba que eu desconhecia.

À professora Danielle Mendes, quem me mostrou a importância de estudar e levar para o cotidiano, a sociolinguística.

Ao professor Paulo Aldemir, pela atenção, carinho e pela disponibilidade de sempre ajudar.

Agradeço a todos os professores do Curso de Letras, que deixaram suas contribuições positivas ou negativas, que inspiram a profissional que eu busco ser.

A todos os funcionários do Campus III, principalmente a Marcielly e a Jonas, pela alegria, pelo tratamento sempre gentil e por sempre auxiliar e tirar alguma dúvida.

Às minhas amigas e companheiras de curso, Alice Correia e Jardilene Lopes, pela partilha, pelas discussões, pela amizade que se solidificou ao longo desses quatro anos e pelo apoio de sempre, afinal: vai dar tudo certo... Sempre dá.

A todos os amigos que a graduação me deu, em especial a Rafael Damiano e Jaqueline Lima, pelo carinho, pelos conselhos e por sempre se disponibilizarem a me ajudar no que podiam. Gratidão.

À Maria Júlia, minha sobrinha de coração, com quem tenho a oportunidade de partilhar leituras e ensinar histórias do universo infantil.

Às minhas amigas de infância, Brenda Chagas e Mariana Cely, pelas tardes que passávamos na biblioteca compartilhando livros e ensinamentos. Pelas reuniões repletas de alegrias e risadas, sempre que possível.

“E a libertação vem do conhecimento. Da realidade e não do julgamento. História do povo negro não se conta na escola. Racismo que até hoje dói guardado na memória”.

Marina Peralta (canção: Luz).

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 TRADIÇÃO E CULTURA NEGRA | 13 |
| 2.1 Marcas da oralidade na construção da literatura afro-brasileira e seus reflexos na obra <i>Uma Princesa Nada Boba</i> | 16 |
| 2.2 O folclore e a tradição oral afro-brasileira | 18 |
| 3 CULTURA E RELIGIOSIDADE | 19 |
| 3.1 A descoberta..... | 22 |
| 3.2 O autor..... | 23 |
| 3.3 Ilustrações | 23 |
| 3.4 A obra | 24 |
| 4 IDENTIDADE FEMININA EM <i>UMA PRINCESA NADA BOBA</i> | 25 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS..... | 333 |

SOBRE STEPHANIE E ODARA: REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM *UMA PRINCESA NADA BOBA*

ABOUT STEPHANIE AND ODARA: REPRESENTATION AND IDENTITY IN A PRINCESS NOTHING FOOL

Maria Roberta Silva de Santana*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como os estereótipos das princesas Disney podem marcar de maneira negativa a representatividade das meninas de origem africana, por não se encaixarem dentro de determinados padrões. Em *Uma Princesa Nada Boba* (2011), Luiz Antonio estabelece uma relação que vai do não pertencimento de sua identidade, a valorização e aceitação de si mesma e da história de seus ancestrais, de Stephanie a Odara. O autor resgata, por meio da oralidade, mulheres africanas que foram bravas guerreiras e verdadeiras princesas, transformando pelo conhecimento cultural, os preconceitos que já se enraizavam em Odara, mostrando que toda menina pode ser uma princesa, basta apenas ela querer. Como base teórica foram utilizados a Lei 10639/2003 (BRASIL, 2003), Colomer (2017), Gomes (2003), Abib (s/d), Prandi (1998) Evaristo (2019) Cândido (2007), Ribeiro (2017), Hall (2005), entre outros. Os resultados desta pesquisa apontam para a importância da desconstrução dos padrões que a sociedade julga como um único padrão para ser seguido, desrespeitando as origens, as religiões, as crenças, os costumes, as histórias e as culturas de vários povos.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Literatura infantojuvenil Representatividade. Identidade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the stereotypes of Disney princesses can negatively mark the representation of girls of African origin, because they do not fit within certain standards. In *A Princess Nada Boba* (2011), Luiz Antonio establishes a relationship ranging from the non-belonging of her identity, the appreciation and acceptance of herself and the history of her ancestors, from Stephanie to Odara. The author rescues, through orality, African women who were brave warriors and true princesses, transforming by cultural knowledge, the prejudices that were already rooted in Odara, showing that every girl can be a princess, just she wants to. As a theoretical basis, Law 10639/03 (Brazil), Colomer (2017), Gomes (2003), Abib (s/d), Prandi (1998) Evaristo (2019) Cândido (2007), Ribeiro (2017), Hall (2005), among others, were used as a theoretical basis. The results of this research point to the importance of deconstructing the patterns that society judges as a single standard to be followed, disrespecting the origins, religions, beliefs, customs, stories and cultures of various peoples.

Keywords: Stereotypes. Deconstruction. Representativeness. African origin. Identity.

* Graduada em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: roberta.mrсс@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas surgiram inicialmente na Europa, e como gênero literário no século XVII, mas já faziam parte da tradição oral há muito tempo e tinham como principal objetivo suavizar as longas noites de frio europeu. Aos poucos, o foco das narrativas foram mudando e passaram a trazer mensagens que tinham sempre uma lição de moral, de comportamentos, estereótipos de beleza. Os contos buscavam evocar o medo através da moral que essas fantasias traziam e amedrontavam, principalmente as crianças e adolescentes. Com o passar dos anos, os contos de fadas foram ganhando adaptações mais leves e felizes.

Os contos de fadas são mais conhecidos por suas versões de Charles Perrault, Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm, e, atualmente, pelas adaptações da Disney. Vale salientar que existem também adaptações feitas por mulheres escritoras, a exemplo da Madame de Beaumont e a Madame de Villeneuve, com suas versões de *A Bela e a Fera*, datadas nos séculos XVIII e XIX.

As versões da Disney são as mais conhecidas e amadas pelas meninas nos últimos quase cem anos de produção. Mas o que chama atenção é a ausência de princesas negras, e de outros povos não hegemônicos nesse contexto.

Este trabalho observa como as religiões de matrizes africanas, os costumes, as comidas, as danças, o corpo do negro, como tudo isso foi hostilizado de forma desumana e preconceituosa, fazendo com que o negro não tivesse direitos, apenas deveres. É entender como uma cultura tão rica e vasta pôde ser tão prejudicada a ponto que os africanos e afrodescendentes que fossem vistos seguindo sua cultura sofriam retaliações. Toda essa perseguição resultou no afastamento cultural por parte dos descendentes. Fazendo com que muitos fatos reais e ficcionais da tradição afro, sejam passadas apenas pela oralidade, com o perigo de se perderem no tempo. *Uma Princesa Nada Boba* vem resgatar e valorizar a tradição africana, a religiosidade, a cultura, a força e sobretudo a beleza da mulher negra. Transformando a identidade da personagem com o intuito de servir como base de apoio nas transformações de tantas outras meninas que ainda não sabem que são princesas.

Trazendo esta reflexão para este trabalho, motivada pela seguinte pergunta: será que os estereótipos das princesas do mundo da fantasia, podem influenciar de forma negativa a identidade feminina na atualidade?

Por isso, o presente trabalho tem como objetivo pontuar uma discussão sobre a personagem Stephanie x Odara, que apesar de serem a mesma pessoa, ela passa por um processo que difere totalmente a identidade de uma da identidade da outra e a influência que tais estereótipos tiverem sobre a identidade negada da menina e de que forma isso conversa com a realidade de muitas meninas-mulheres mundo a fora, que tem suas identidades fragmentadas e são “forçadas” de forma que muitas nem percebem, seja por sua religiosidade, por sua cor, por divergirem dos padrões impostos, por de alguma maneira, não se encaixarem nos padrões do corpo perfeito, da pele clara e do cabelo liso.

Fundamentamos esta pesquisa como base nos estudos de Tereza Colomer (2017) e a sua visão sobre a cultura de tradição oral. Nas contribuições de Nilma Lino Gomes (2003) sobre a importância que a cultura tem ao permitir ao negro uma maneira de reconstrução na sociedade, e a sua visão sobre o papel do educador como colaborador de forma positiva na quebra de preconceitos que ainda permeia nossa realidade. Antônio Cândido (2007) traz sobre a personagem na ficção, por meio da identificação pode influenciar o leitor na sua realidade.

Conceição Evaristo quando traz para suas obras, mulheres como protagonistas, sua escrevivência com vários temas que são abordados nas obras e a visão de quem está do outro lado, de quem está as margens. Djamila Ribeiro (2019) com a obra “Lugar de Fala” nos ajuda numa compreensão maior sobre os objetivos do feminismo negro e a discriminação com a mulher negra, a luta para conquistar espaços na sociedade e a dificuldade em ter o seu posicionamento respeitado, quando comparado ao homem negro, a mulher branca e ainda mais ao homem branco. E reitera que a história da escravidão deve ser contada por um viés que valide a luta e resistência africana.

2 TRADIÇÃO E CULTURA NEGRA

Em toda a história da humanidade, cultivamos a tradição de contar histórias. Para confirmarmos esse fato, basta lembrar nossa infância, quem nunca pediu a algum adulto para que lhe contassem uma, que em sua grande maioria sempre começavam com o famoso “Era Uma Vez...”.

Assim, desde pequenas, as crianças gostam de ouvir os grandes feitos e heroísmos de príncipes e princesas, e sabemos que é extremamente comum nos depararmos com princesas que trazem em seus estereótipos características físicas diferentes, como por exemplo a Cinderela: loira, olhos azuis, magra, ou de um padrão de beleza que representa em sua grande maioria moças da aristocracia como por exemplo: A Princesa Branca de Neve, vejamos sua descrição: “tão branca como a neve, lábios vermelho como o sangue e cabelos negros como o ébano!” (GRIMM, 2018, p. 63).

No entanto, na maioria das vezes, passam despercebidas a ausência de princesas e heroínas negras, tendo em vista que das trezes princesas oficiais Disney apenas duas são negras, e pouco conhecidas se fizermos uma comparação com as outras, fato esse que pode desencadear frustrações, negações e a não aceitação de si mesma em muitas meninas que não se veem representadas nesse cenário, e é isso que acontece com a personagem Stephanie em *Uma Princesa Nada Boba* (2011), de Luiz Antonio. Vinda de uma família afrodescendente, com sua constituição diferente do conceituado padrão, aparentemente com boas condições financeiras que podem ser observadas na descrição de sua casa: “[...] minha casa tem guarita, portão eletrônico, cachorro [...]” (ANTONIO, 2011, s/p). Com pouco conhecimento sobre a história de seus antepassados e sua cultura, a menina não compreendia por qual motivo ela não podia ser considerada uma princesa de verdade, e se questionava: “Mas sempre chovia na minha cabeça. E ela transbordava: por que eu não podia ser igual a uma princesa? Cachinhos dourados. Longos fios escorridos. Narizinho pontudo” (ANTONIO, 2011, s/p). Isso ocorria porque Stephanie não conhecia nenhuma princesa negra e essa falta de representatividade fez com que a personagem não enxergasse sua beleza, sua força e sua coragem.

Desse modo, é importante ressaltar que a literatura tem um papel excepcional no que diz respeito à historicidade e as tradições, pois ela funciona como uma

espécie de registro dos costumes, das crenças, das lutas, da cultura e principalmente da valorização da história.

No que diz respeito à literatura afro-brasileira, no Brasil seus primeiros registros aconteceram por meio das obras de escritores como Luiz Gama, Cruz e Sousa, Sodré Muniz e Maria Firmina dos Reis com a obra *Úrsula*, esta considerada o primeiro romance de caráter abolicionista do Brasil, ainda que a obra tenha permanecido esquecida ou perdida por anos.

Essa literatura ganhou mais notoriedade com a Lei 10.639/2003 que trouxe consigo a valorização e o conhecimento da história e da cultura negra, cujo o ensino passou a ser obrigatório nas escolas, ainda que na realidade isso aconteça de forma muito superficial, pois é preciso romper com preconceitos através de fatos, instigando a leitura de obras de autores negros e afrodescendentes, com que os alunos possam se identificar. É como a autora Conceição Evaristo gosta de chamar a sua escrita de *escrevivência*, que nada mais seria que o fato de escrever sobre as experiências de um afrodescendente que vive às margens da sociedade, experiências sobre o ponto de vista de quem está no lugar desprivilegiado, pois não há nada como ouvir de alguém a experiência de passar por situação semelhante a sua, no caso de Evaristo, o termo *escrevivência* tem um grande enfoque para a escrita feminina negra.

Através da literatura escrita, da literatura oral, de filmes, de músicas e de diversas adaptações que trazem à tona culturas pouco divulgadas e acaba gerando uma grande contribuição para que as meninas, mulheres sintam-se representadas, como mulheres negras, fortes, inteligentes, lindas e verdadeiras guerreiras da história e da vida real, como destaca Teresa Colomer, quando afirma que ainda na infância os pequenos leitores entendem os padrões expostos nos textos que tem contato, e em alguns casos, se familiarizando com preconceitos que por muito tempo eles não compreenderão o quão tóxicos podem ser, propagando-os:

Nesse compreender não apenas interpreta o que aparece objetivamente representado, mas também percebe juízos de valor que merecem as coisas em sua própria cultura: o que é seguro ou perigoso, o que se considera belo ou feio, comum ou extraordinário etc. (COLOMER, 2017, p. 32).

Dentro dessa perspectiva, entende-se que é importante influenciar a leitura de diversos gêneros literários e instaurar por meio da literatura infantil e juvenil valores

sociais básicos, que permitirão um indivíduo conhecer e respeitar culturas que divergem da sua, sabendo que ele não pode denominar o que é certo ou errado pelo simples fato de discordar, de ter um conceito que é diferente do outro.

Outro aspecto importante a ser ressaltado refere-se à discriminação do negro em nossa sociedade, pois é impossível falarmos de cultura negra sem mencioná-lo. No entanto, o que pretendemos especificar neste trabalho, é o que é a cultura negra e como ela surgiu.

A cultura negra ou cultura afro-brasileira nasceu de um processo de mistura entre povos vindos da África para o Brasil, ao mesmo tempo que é um resgate de suas tradições cultuadas no seu país de origem como forma de preservar costumes que foram absurdamente crucificados aqui no Brasil, por exemplo, o Candomblé, que foi visto como “macumba” e que atualmente ainda continua sendo, pois nossa sociedade têm uma enorme lacuna que impossibilita a compreensão de que o significado de cultura é amplo demais para se prender a um único conceito, a uma única verdade absoluta. Como destaca Jesus: “A intolerância religiosa contra as crenças e religiões afro-brasileiras (negras/africanas) estão fortalecendo os ideais preconceituosos, fundamentando e, perpetuando ideologias racistas de exclusão e marginalização de adeptos afro-descendentes e demais membros” (JESUS, 2003, p. 185). Criou-se em volta disso a ideia de que brancos são melhores que os negros, acreditando que por conta disso tinham o direito de escravizar e humilhar os negros, reduzindo-os a inferiores.

Por outro lado, a população negra, por mais que tenha havido resistência, não podia lutar com igualdade com os senhores de engenhos e encontraram nas senzalas uma forma cultivar os costumes, as comidas, a religião, a capoeira, os cantos e danças africanas sofrendo influências da cultura branca hegemônica. Vejamos na citação a seguir o que diz Nilma Gomes: “A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos” (GOMES, 2003, p. 77).

Tal fato fez surgir uma cultura que se unifica a história cultural do Brasil e passou a fazer parte do dia a dia de todos os brasileiros, um bom exemplo disso é o nosso típico prato brasileiro, a tão famosa feijoada que surgiu de uma junção de alimentos que as pessoas das Casas Grandes descartavam. Era a comida que eles

não achavam digna de ser consumida pela Casa Grande. Como forma de aumentar e dividir o alimento entre os seus eles juntavam tudo e cozinhavam.

Hoje em pleno século XXI, grande parte da população brasileira, não sabem de onde surgiu essa comida típica. É o que afirma Nilma Gomes (2003, p. 77), quando diz: “[...] essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico.” Assim, evidencia-se que mesmo não sabendo a origem, a cultura africana ou afro-brasileira faz parte da identidade sociocultural do país, como mostra Nilma Gomes (2003):

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, a musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade (GOMES, 2003, p. 79).

Trata-se de uma questão de reconhecimento da importância do negro nas esferas sociais, econômicas e políticas, trabalhando para que chegue as crianças e adolescentes o percurso que os afrodescendentes percorrem e continuam a percorrer para que jovens negros, principalmente as meninas, reconheçam seu valor como ser social, sua capacidade e que saiba que sua inteligência está além de um estereótipo corporal, da ditadura do cabelo liso.

Dentro desse contexto, é preciso falar de empoderamento, questionar padrões, gerar discussões, refletir sobre suas contribuições como ser individual e coletivo para com a nossa sociedade. E mostrar que oportunidades existem, que padrões estão aí para serem quebrados e que com luta e resistência, esse contexto poderá ser transformado.

2.1 Marcas da oralidade na construção da literatura afro-brasileira e seus reflexos na obra *Uma Princesa Nada Boba*

Faz-se necessário uma breve análise para compreendermos como a oralidade contribuiu e ainda contribuí com o processo da literatura escrita. Se pararmos para analisar, há evidências da literatura oral desde o início da humanidade, em que narrativas eram reproduzidas exclusivamente pela oralidade, como podemos observar nos exemplos dos contos oriundos da tradição oral e na

literária afro-brasileira, esse processo não foi diferente. Aqui tentaremos compreender essa interligação entre a literatura oral e a literatura afro-brasileira. De acordo com essa questão, a escritora Conceição Evaristo, em entrevista¹, enfatiza: “[...] Eu trago a imagem das mulheres escravizadas dentro da casa dos senhores, das mucamas, das mães pretas que tinham por obrigação contar história para adormecer os da casa grande... Elas oralmente contavam histórias [...]”.

Ou seja, por meio dessas mulheres a literatura já se fazia presente no cotidiano do povo negro que mesmo sem escolarização tinha o dom de contar histórias para entreter os da elite. Muitas vezes essas narradoras usavam de situações decorrentes do dia a dia e adicionavam uma dose de fantasia para que se tornassem interessantes. Em contrapartida, as versões contadas aos seus traziam a preservação da cultura negra, esperanças de um futuro melhor, livre e orgulho do seu povo, que lutou bravamente, mas que muitas vezes são apagados das histórias.

Na narrativa em estudo, observamos que acontece um processo semelhante ao citado entre a personagem Stephanie e sua avó (sem nome revelado), essa, através do olhar percebe que tem algo estranho acontecendo com sua neta e que por intermédio da literatura oral da avó, a menina passa a ter contato e a admirar a história de seus antepassados. Esse reconhecimento e sua escrita se dão também pelos gestos, pelas expressões, pelo corpo, pela musicalidade e pelo olhar como podemos observar no fragmento retirado do livro: “Ela percebeu. Na hora. Não precisei não brincar com borboletas e não contar estrelas. Acho falei com os olhos” (ANTONIO, 2011, s/p).

Como podemos observar a linguagem identificada através do olhar foi o ponto crucial que fez com o que a avó entendesse a necessidade de intervir e ajudar a menina, sabendo que tais questionamentos que invadiam a cabeça de Stephanie aconteciam porque a representação que tanto fazia falta na vida da menina tinha ficado limitada apenas a oralidade e que com as oportunidades que começavam a ascender aos negros na sociedade os afastavam de suas origens, pois muitas vezes os filhos iam embora em busca de oportunidades e seus pais ficavam, de certo modo perdendo um pouco do contato.

Diante do exposto, é possível enxergar a importância que há na literatura escrita caminhar lado a lado da literatura oral. A título de exemplo podemos citar a história da Escrava Anastácia, que devido a sua beleza foi desejada por um filho de

¹ Cf.: <<https://astrolabio.org.br/escrevivencia/>>.

um feitor e quando ela se negou a ter qualquer tipo de relação com ele foi massacrada, torturada e conseqüentemente morta. A história em torno de Anastácia serviu de inspiração para muitos escravos, principalmente para as mulheres que resistiam de alguma forma contra o sistema. Como mostra Thaís Nascimento, “Anastácia era conhecida por reagir e lutar contra a opressão do sistema escravista” (NASCIMENTO, 2016, s/p). O fato sobre isso é que se tem pouquíssimos escritos sobre sua vida e o que se sabe advém da tradição oral contada principalmente por mulheres negras na tentativa de conservar e exaltar a memória e a luta de Anastácia. Outro exemplo que pode ser retirado do livro é a narrativa sobre Iansã (Oyá) que apesar de ser conhecida e cultuada aqui no Brasil, se um indivíduo não pertence e/ou não conhece as religiões de origens africanas não compreenderá.

2.2 O folclore e a tradição oral afro-brasileira

O folclore é a união de tradições e manifestações de vários povos e de diferentes locais do Brasil e do mundo, reunindo lendas, mitos, danças, brincadeiras, personagens, cantigas e parlendas criados e transmitidos oralmente pelo imaginário popular. É considerado Patrimônio Cultural Imaterial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Vejamos o que diz Colomer sobre isto: “A literatura de tradição oral ia perdendo gradualmente sua característica de ‘popular’ no sentido de patrimônio comum das pessoas, mas este traço ressurgiu por meio de sua transição, em parte, para a leitura e para a literatura infantil” (COLOMER, 2017, p. 144).

Essa tradição oral é tão importante que está ligada a outros moldes de transmissões de lendas e histórias, não se prendendo só a literatura. Como mostra Colomer (2017):

A literatura de tradição oral compartilha um substrato comum de matérias literárias infinitamente reenviados e reutilizados. Os estudos folclóricos mostraram e classificaram de diversas maneiras a constante presença de relações intertextuais entre literatura épica medieval, o folclore e os mitos religiosos (COLOMER, 2017, p. 23).

É fato que o folclore lembra muito os contos e as lendas que os escravos transpassavam em suas gerações, haja vista que na época não tinha outro meio de compartilhar e auxiliar seus descendentes, e assim de boca em boca, geração após geração, os relatos iam se tornando parte da tradição oral dos afrodescendentes.

Tanto, que é por meio dessa retomada da tradição oral que são transmitidos os conhecimentos sobre plantas, ervas medicinais, danças, deuses, comidas, religiosidade e tantas outras heranças culturais.

3 CULTURA E RELIGIOSIDADE

Para dar início à origem da religiosidade afro, é preciso saber que as religiões de matriz africana surgiram no Brasil através da oralidade resgatada da memória de um povo vindo de diversas regiões da África. A exemplo: o povo da religião Banto, que vieram das regiões de Angola, Moçambique e Congo, e da religião dos sudaneses iorubás, mais conhecidos como nagôs, oriundos do leste da África, especificamente da Nigéria. Ao que se sabe, em solo brasileiro, essas religiões passaram por um processo de adaptação devido a convivência de vários negros escravizados com práticas religiosas que divergiam, mas que ao mesmo tempo estarem juntos praticando a cultura que eles conheciam como sua, era uma forma de lembrar sua vida antes da escravidão, mantendo viva a lembrança da sua terra, de suas famílias (que foram arrancados), suas crenças, suas danças, comidas e costumes. Assim eles encontraram nas senzalas uma forma de transpassar aos descendentes através das gerações, a sua cultura. A cultura negra, precisa ser vista como uma cultura que influenciou e foi influenciada por outras culturas, passando por mudanças e inovações. Como afirma Gomes (2003),

A cultura negra só pode ser entendida na relação com as outras culturas existentes em nosso país. E nessa relação não há nenhuma pureza; antes, existe um processo contínuo de troca bilateral, de mudança, de criação e recriação, de significação e ressignificação (GOMES, 2003, p. 79).

As religiões de origens africanas fazem parte da cultura brasileira desde a chegada dos africanos no país, trazidos como escravos, e assim viveram até o fim da escravidão em 1888, depois da abolição foram marginalizados de diversas formas sociais. Como salienta Pedro Abib:

A etnia afro-brasileira particularmente, em função do regime escravista a que foi submetida, sofreu uma violência brutal durante mais de três séculos – período que durou a escravidão no Brasil – violência essa que se reatualiza no contexto do capitalismo industrial, como reflexo de toda uma negação ontológica de uma etnia. Isso coloca o negro numa posição de inferioridade que o marginaliza

socialmente, em termos de condições de trabalho, acesso a escolaridade, a um sistema digno de saúde, etc..., e que acaba também, influenciando negativamente na valorização de sua cultura e na constituição de sua auto-imagem, levando-o a internalizar essa desvalorização perante o branco, fator que contribui decisivamente na diminuição de sua auto-estima (ABIB, s/d, p. 2).

Apesar de terem grandes contribuições para com o crescimento do Brasil, os africanos e afrodescendentes, quando demonstravam suas crenças, eram proibidos de praticarem suas devoções, e perseguidos devido a grande intolerância religiosa existente. Como mostra Pedro Abib:

As perseguições sofridas pelas manifestações da cultura afro-brasileira como a Capoeira, o Candomblé e a Umbanda, são outros exemplos da intolerância com que setores ligados ao poder agiam, historicamente, através de uma repressão violenta contra seus praticantes, utilizando-se inclusive de instrumentos legais para legitimá-la (ABIB, s/d, p. 2).

Por muito tempo os praticantes não tinham o direito de ter um local fixo que fosse seguro para realização dos cultos. Manter esse segredo significava também uma forma de autocuidado, pois se fossem “descobertos” poderiam sofrer diversas represálias. Vejamos na citação de Abib: “Os terreiros de Candomblé e de Umbanda por sua vez, até pouco tempo atrás eram obrigadas a manterem a clandestinidade, por conta da repressão policial e do preconceito social em relação às suas cerimônias religiosas” (s/d, p. 2). Então, devido a essas perseguições, os afrodescendentes continuaram realizando seus rituais às escondidas e encontraram na religiosidade uma forma de preservação cultural.

Mesmo que os negros seguissem suas religiões, eles precisaram seguir também a religião do colonizador, como forma de sobrevivência, apesar das péssimas condições que se encontravam. Como mostra Prandi (1998):

Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade negra, africana, de origem, que recuperava ritualmente a família, a tribo e a cidade perdidas para sempre na diáspora, era por meio do catolicismo, contudo, que ele podia se encontrar e se mover no mundo real do dia-a-dia, na sociedade do branco dominador, que era responsável pela garantia de existência do negro, ainda que em condições de privação e sofrimento, e que controlava sua vida completamente (PRANDI, 1998, p. 154).

Em contrapartida... no decorrer dos anos, houve também o afastamento por parte de muitos, pois com os padrões e preconceitos que a sociedade disseminava

cada vez mais, ficava difícil manter secretamente suas práticas religiosas. Aos que mantinham suas práticas na clandestinidade havia sempre o risco de serem descobertos e dos castigos que sofreriam, pois sua religião não era vista como positiva, mas sim como uma espécie de mal para com o próximo. Então, quando não se entende o outro, ou algo que ele acredita, é mais fácil proibir e castigar. Muitas vezes de forma desumana.

Com isso, desencadearam-se problemas com a aceitação da cultura negra por parte da população, tanto para os afrodescendentes quanto a outra parte da população (rica e branca), que ao longo dos anos foram alimentando preconceitos contra a religião, a cor, o cabelo e etc. Na concepção de Prandi (2007):

No Brasil tudo que é negro é marginalizado. Basta ver o mundo do trabalho, por exemplo, onde os negros recebem a metade do que um homem branco recebe, fazendo o mesmo trabalho. Basta ver as mulheres negras que recebem um quarto do que recebe um homem branco. É um processo de marginalização que vem desde a escravidão e considera o negro como inferior (PRANDI, 2007, p. 09).

Basicamente, tudo que é negativo acabou sendo relacionado ao negro, ao longo dos anos e da evolução dos preconceitos. Criando assim um estereótipo de inferioridade do negro com relação ao branco. Com a Lei 10.639/03 que torna obrigatório “o estudo História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003).

O ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira passou a ser obrigatório nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio, na tentativa de extinguir o racismo e o preconceito por meio da história e das informações. É possível imaginar a positividade de ver o/a aluno/a negro/a se enxergar representado (a) em fatos reais que eles nunca tinha ouvido falar, seja através de uma música, de um filme, de um livro que traga por exemplo a luta de Zumbi dos Palmares, ou a força de Aquatune (Avó de Zumbi), princesa do Congo que foi trazida ao Brasil como escrava, e liderou a fuga de escravos da fazenda para um Quilombo. Isso faz parte da busca por uma ressignificação cultural.

Pensando nisso foi criado o dia da consciência negra. Vejamos: “Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’” (BRASIL, 2003). O dia de combater o racismo é todo dia, mas esse dia surge para

ressaltar a importância do negro na construção da sociedade brasileira. Criando nas escolas, nesse dia em especial, palestras e eventos que permitam discussões e esclarecimentos à cerca da posição do negro em nossa sociedade. Embora a Lei esteja em vigor há dezesseis anos e muitos estereótipos já tenham sido quebrados, ainda há um longo caminho a percorrer na busca por um Brasil sem preconceitos, que respeite as diferenças e saiba o valor de cada indivíduo como ser social.

3.1 A descoberta

Em *Uma Princesa Nada Boba*, podemos observar as descobertas que Stephanie/Odara faz ao longo da narrativa. Durante todo o processo pudemos acompanhar o resgate da cultura por meio da religiosidade. Aqui iremos analisar algumas fases de um ritual religioso. Neste primeiro trecho: “minha avó me deu um banho, cantando enquanto jogava água em mim. No balde, muitas folhas. A água tinha perfume e carinho” (ANTONIO, 2011, s/p), há o início de um ritual religioso, porém Odara não enxergava desta forma. Para a menina, é um banho carregado de sentimentos. No candomblé e na umbanda o banho funciona como remédio para o corpo físico e para o corpo espiritual, capaz de afastar as energias negativas e evocar as positivas. A água e as plantas são os principais ingredientes, pois trazem equilíbrio e funcionam como ligação entre a natureza e os orixás.

Neste fragmento da obra podemos denominar de segundo momento do ritual, onde a avó diz à neta que no outro dia ela irá jogar as flores no rio. Existem duas simbologias aqui, a primeira: da roupinha branca que na umbanda traz a sensação de calma e de paz. E a segunda: que é quando Odara joga as flores no rio que tem como significado devolver as flores, parte da natureza para a própria natureza. Vejamos: “minha neta, vai dormir com essa roupinha branca. Amanhã te acordo e você joga essas flores no rio para a vovó” (ANTONIO, 2011, s/p).

Num terceiro momento, quando a menina joga as pétalas no rio, surge uma mulher(orixá) que conta para ela as histórias das princesas que ela não conhecia. Pesquisando sobre essa cultura, acredito que nesse momento, na verdade, está acontecendo ali um batismo, onde nas religiões afro cada pessoa recebe um orixá como divindade espiritual. Com base no autor: Oxum (Osun) é a princesa que aparece na história. Rainha e representante da beleza, da vaidade, e da fertilidade.

Ela representa o feminino, e surge para mostrar a força da mulher. Oxum, carrega consigo o seu abebé, um tipo de leque com espelho!

Por fim, há o momento em que Odara compreende o real significado da sua cultura e encontra um novo significado para sua vida. Como mostra o autor: “mergulhei no meu rio e saí de lá diferente” (ANTONIO, 2011, s/p), esse mergulho representa e fecha um ciclo. Um tipo de batismo, principalmente se considerarmos que a Princesa que aparece para Odara é Oxum, rainha das águas doces.

Percebemos através das fases desse ritual pertencente as religiões afro que as histórias em sua grande maioria, advém da tradição oral. Este resgate possibilitou o conhecimento de seus ancestrais, de seus feitos e de tudo aquilo que deveria constar nos livros de história e foi esquecido... ou simplesmente ignorado.

Na obra, quando a personagem reconhece a sua cultura, automaticamente acontece o resgate da religiosidade, e juntas essas descobertas transformaram completamente a vida de Odara.

3.2 O autor

Luiz Antonio nasceu em São Paulo, no ano de 1976. É escritor, educador e estudioso da língua. Não é, de fato, estudioso da cultura afro-brasileira, e faz dessa obra um trabalho de valor incalculável, corroborando com a quebra de preconceitos já tão estigmatizados. Por trabalhar e conhecer de perto meninas negras que assim como Odara não conhecem a importância de mulheres que representam a força da mulher negra desde o princípio da humanidade, e como consequência não sabem que são verdadeiras princesas...

Em 2012 recebeu, por *Uma Princesa Nada Boba*, o prêmio 30 melhores livros infantis do ano pela Revista Crescer.

3.3 Ilustrações

O livro conta com ilustrações do artista plástico Biel Carpenter. *Uma Princesa Nada Boba* marca o início dos trabalhos de Carpenter como ilustrador de livros. Com ilustrações muito bem elaboradas que ao desenvolver do poema complementam a história escrita e trazem um toque de suspense à medida que aos poucos a menina

vai se revelando por trás da meia calça e da sombrinha que esconde o seu corpo negro.

3.4 A obra

A obra *Uma Princesa Nada Boba*, pertence a literatura infanto-juvenil. Publicada em 2011, pela editora Cosac Naify. O poema-narrativo conta a história de Odara, menina negra e afrodescendente que não se reconhecia e fazia questão de negar a sua identidade, dizendo para quem não conhecia que seu nome era Stephanie e evidenciava “com P e H” para que não houvesse dúvida. Ela tinha um sonho, o sonho de se tornar uma princesa, princesa aos moldes tradicionais e não uma princesa como todos já diziam que ela era. Ela deseja ter a pele clara, cabelos lisos, nariz pontudo, traços “delicados”, e claro, os magníficos vestidos de princesa. Nesse anseio para se tornar logo a princesa dos seus sonhos ela espera as férias pois acredita que na volta as aulas, retornará de fato como princesa. Eis que as férias chegam e ela vai para o sítio de sua avó, onde fica surpresa quando a avó a questiona sobre que tipo de princesa ela quer ser. Percebendo que a neta só tinha um conceito de princesa a avó logo toma providências para quebrar esse estereótipo. A avó prepara um banho para Odara carregado de significados, como um ritual de origem africana, o que remete muito ao que conhecemos como batismo. É aí que a narrativa atinge o seu ápice e por meio da religiosidade advém o resgate das ancestrais de Odara, que foram mulheres lindas, fortes, guerreiras e acima de tudo princesas. O que chama nossa atenção é que o autor destaca a figura de uma divindade espiritual, a Orixá Oxum, para representar a inteligência da mulher ao mesmo tempo que valoriza a cultura religiosa africana. Nesse momento, há o resgate de mulheres significativamente importantes para a história da Diáspora negra quais contribuíram e resistiram bravamente a diversas formas de opressão que era imposto a cada uma delas, ressaltando que cada acontecimento se situa em diferentes momentos ao longo da humanidade. Odara compreendeu o verdadeiro significado de ser princesa, retomando sua ancestralidade e sua religiosidade.

4 IDENTIDADE FEMININA EM *UMA PRINCESA NADA BOBA*

No Brasil, a literatura voltada para o público jovem teve início no século XIX com os famosos contos da carochinha, de Pimentel Figueiredo, segundo Lajolo e Zilberman (2007), com o intuito de entreter o público-alvo. A obra de Luiz Antonio em questão abrange meninas e mulheres afrodescendentes que em algum momento de sua vida tenham ou estejam passando por situação semelhante à de Odara. Esta personagem passa por um processo transformador de ressignificação. Na minha opinião, essa obra deveria ser adotada nas escolas públicas de todo o Brasil, com o intuito de desconstruir a imagem estereotipada da menina-mulher negra e o seu lugar na sociedade brasileira. Auxiliando no processo de reconhecimento cultural, e valorização histórica das meninas-princesas de origens afro que o autor faz questão de trazer para o seu texto. Sabendo que a educação tem um papel fundamental na construção sociocultural do aluno/a é preciso atentarmos para a relação entre leitor/a e personagem, que funciona como reconhecimento e identificação. Processo esse que Evaristo (2019) chama de tomar conhecimento do outro através das obras literárias. É possível, o/a personagem transformar e/ou moldar a visão que o leitor tem de determinadas situações e servir como uma espécie de exemplo e apoio para que o leitor venha a enfrentar circunstâncias adversas no mundo real. Vejamos como Antônio Cândido discorreu sobre a relação de ficção e de realidade:

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão de mais lúdica verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através do personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p. 52).

No decorrer deste capítulo, iremos analisar a construção da identidade feminina presente na obra, o empoderamento de Odara ao longo do poema-narrativo e como essa obra pode auxiliar outras meninas a se reconhecerem como verdadeiras princesas que são.

Odara era uma menina negra, afrodescendente, que tinha um sonho. O de se tornar uma princesa, uma princesa de verdade, bem aos moldes tradicionais.

Acreditava fielmente que a chave para isso estava na transformação dos seus traços físicos. O que ela não sabia, é que não precisava se adequar a esses padrões, pois ela já era uma princesa. Mas o que é ser considerada uma princesa? Há pelo menos três significados para essa palavra, segundo o próprio autor Luiz Antonio (2011); (1) a palavra “princesa” tem origem do latim e significa ser a primeira, a líder de um grupo ou de um povo, (2) palavra usada para representar o valor de uma menina para seus familiares, e (3) pode simbolizar a beleza, a educação da mulher e o fato dela ser liderança!!!

Como já foi mencionado anteriormente, é notório a falta de princesas negras no universo infantil. Oficialmente, há apenas uma princesa negra nos studios Walt Disney. *Tiana* (A Princesa e o Sapo), é considerada a primeira de origem afro. O fato é que Tiana não é uma princesa por nascimento, e sim por casamento. Há esse embate, se tomarmos como questionamento o fato de que a mulher so se torna visível devido ao casamento. Fragmentando sua identidade, e fazendo a imagem da mulher como subordinada ao homem, com direito de ser exclusivamente dona de casa, esposa e mãe.

Existem também duas heroínas negras que pertecem a Disney: *Pocahontas* (1995), que é inspirada numa história/lenda de uma índia norte-americana. E *Moana* (2016), uma jovem de dezesseis anos e filha do chefe da tribo, indígena, de cabelos cacheados e volumosos, ela vive isolada juntamente com os moradores de sua tribo, e ao longo do filme ela questiona o porque não pode ouvir os desejos do seu coração e ir atrás do seu sonho, do chamado do seu coração. Moana, traz em si uma bela mensagem: toda mulher pode ser uma líder, pode correr atrás dos seus sonhos, é forte e ainda rompe com o padrão de beleza das princesas tradicionais pois tem os cabelos cacheados, volumosos, é negra e em nenhum momento do filme é mencionado que ela deve casar.

Vale ressaltar que a identidade feminina das princesas e das heroínas vem sendo modificada ao longo que novas narrativas vão surgindo e ampliando a diversidade feminina. Entretanto, por mais que as personagens negras venham cada vez mais conquistando espaços na sociedade mundial, esse número ainda é muito inferior quando comparado ao número de meninas negras, indígenas e latinas mundo a fora.

Essa falta de representatividade fez com que a Stephanie/Odara não se encaixasse no seu próprio mundo. Por isso ela questionava: “Porque eu não podia ser

igual a uma princesa? Só queria que alguém me explicasse. Por isso, andava nas bordas” (ANTONIO, 2011, s/p). Sabendo que essa realidade acontece com milhares de meninas no Brasil e no mundo a fala da personagem nos leva a refletir sobre o que seria esse “andar nas bordas”.

De acordo com Djamila Ribeiro (2018), esse afastamento da identidade acontece também pela ausência de personagens negras com papéis de destaque na tv. Como cita a autora em seu ensaio *Quem tem medo do feminismo Negro?*, “Não somos protagonistas das novelas, não somos mocinhas nem vilãs, no máximo empregadas que servem de mera ambientação, adereço (incluse passível de abuso) para a história do núcleo familiar branco” (RIBEIRO, 2018, p. 143). Aqui entenderemos expressão de Odara como algo que reflete sobre alguém que vive as margens da sociedade, dos padrões impostos, do que é considerado superior. Ora, vivia as margens porque não tinha a pele clara, o nariz fino e muito menos o cabelo era lisinho, mesmo ela (a personagem) tendo uma condição financeira considerada confortável, a sociedade racista encontrou no corpo um meio de inferiorizar o negro. É o que Gomes (2003) afirma quando diz que a humanidade se apropria das diferenças corporais para estereotipar os padrões de beleza e feiura, superior e inferior, fazendo com que o corpo negro seja sempre visto como inferior. Tendo em vista que o corpo é o nosso eu exterior.

Precisamos reverter essa visão ainda tão preconceituosa sobre o corpo do negro, sobretudo o da mulher negra, que ainda é vitimada da objetificação do corpo como produto. Vejamos o que diz Nilma Lino Gomes (2003):

O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e aconrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais de didáticos do ensino fundamental (GOMES, 2003, p. 81).

Se usarmos como exemplo a obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada inicialmente como uma crítica a escravidão, podemos observar que tal braqueamento da personagem fez com que ela fosse vista como uma escrava submissa e digna de estar na presença dos senhores da Casa Grande pois poderia facilmente ser encaixada nos padrões de beleza da classe dominante. Vejamos esta passagem da obra: “tens a pele linda, ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (GUIMARÃES, 2018, p. 11).

Isaura, diferente de Odara, era fruto da mestiçagem. Sabemos que essa mestiçagem é calcada no estupro das mulheres negras escravizadas, cometido por parte dos senhores das Casas Grandes. De acordo com o dicionário Scottini (2007), o termo mulata é usado para definir “o cruzamento de negros com brancos”, que já deriva da palavra Mula (híbrido de cavalo com jumenta), esse termo foi usado e ainda hoje é como sendo um termo pejorativo para diminuir o outro, fruto da violação dos corpos das ancestrais africanas. Ao trazer a visão que a sociedade real tinha sobre Isaura para este trabalho tem-se o intuito de mostrar a diferença de como a sociedade fora da literatura enxergava o afrodescendente fruto de uma relação inter-racial, de pele clara, e o afrodescendente de pele retinta.

Quando Luiz Antonio, através da personagem diz que nem o pai que era advogado, nem a mãe professora, ninguém até então conseguia explicar o motivo dela não ser ou parecer com as princesas que ela conhecia, o autor está chamando a atenção dos pais e dos adultos com relação ao seu papel na construção da identidade feminina de nossas crianças e qual deve ser nosso comportamento diante dessas possíveis situações. Para isto, é preciso que haja um reconhecimento individual e interesse de toda a sociedade com relação a história dos africanos e afrodescendentes no Brasil, pois só é possível investir de autonomia as meninas a partir do conhecimento sobre empoderamento, sobre feminismo negro e todas as lutas sociais que ainda estão em andamento. É usar histórias como a de Luiz Antonio para mostrar que toda menina (negra) pode ser princesa. E que cada princesa tem sua própria beleza e seus valores, o que a torna única.

Pensar na identidade feminina no Brasil, é refletir sobre as condições de ser mulher numa sociedade altamente patriarcal, onde o homem, seja pai, marido ou até mesmo líder religioso, exerce um grande domínio sobre a mulher, sobre seu corpo. Para a filósofa francesa Simone de Beauvoir não é a biologia natural que faz a mulher, e sim a história cultural e social de cada época, que ao longo de toda a história da humanidade torna o homem como sendo o “proprietário” da mulher, e está obdiente ao homem por ele haver as providências para a família e para o lar. Ainda segundo Beauvoir, a mulher não é, se não, o que o homem permite que ela seja.

De acordo com a filósofa e feminista negra, a brasileira Djamila Ribeiro, não há como separar a luta contra o racismo da luta contra o machismo, pois ambas caminham juntas e finalizar uma não significa findar a outra. Como mostra Ribeiro

(2019, s/p), “sendo eu mulher e negra, essas opressões me colocam em um lugar maior de vulnerabilidade. Portanto, é preciso combatê-las de forma indissociável”.

É nesse lugar de vulnerabilidade que Odara se encontra, por ela desconhecer as suas origens ela acaba incorporando um padrão identitário que não a representa, ao contrário, a coloca em conflito consigo mesma e por consequência com as pessoas a sua volta, pois para ela ninguém a compreende. Há ainda um afastamento cultural por parte dos pais de Odara, por pertecerem a uma geração mais nova que a avó da personagem, a medida que vai surgindo novas gerações histórias como a da tataravao de Odara vão se perdendo. No caso dos pais da personagem quando migraram para a cidade grande o afastamento foi ainda mais forte tendo em vista que os laços vão se distanciando cada vez mais.

O autor chama atenção também dos educadores com relação ao seu papel como formador e auxiliador enquanto agente social na luta contra a erradicação da discriminação racial. É necessário não só conscientizar, mas ressignificar a história do povo negro e levar para a sala de aula histórias reais e da ficção que coloque o negro como indivíduos de grande importância para o crescimento econômico, social do país. Sobretudo à mulher negra... como uma mulher capaz de alcançar os seus objetivos, valorizando a beleza da cor da sua pele e cabelo crespo como um cabelo lindo. É um processo de desconstrução de identidade feminina. É preciso mostrar aos alunos que esses preconceitos são consequência da construção social como forma de hierarquizar o grupo elitista e gerar um apagamento sociocultural de outro grupo por meio de classificações. Vejamos o que Gomes (2003) nos diz sobre o papel do educador:

É também tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelo movimento negro e pela comunidade negra. A discussão sobre cultura negra poderá nos ajudar nessa tarefa (GOMES, 2003, p. 77).

Por pensar justamente nas versões que são passadas para os jovens que Ribeiro (2019) reivindica com ardor que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada pela ponto de vista do negro e não só pela visão do branco colonizador, que foi quem mais tirou vantagens dessa escravidão. E de fato, quem melhor para tratar sobre racismo que quem mais sofreu, ainda sofre e é/foi prejudicado/a por consequência desse preconceito que continua forte na atualidade.

Os dias passavam mas os questionamentos de Odara não cessavam: “Mas sempre chovia na minha cabeça. E ela transbordava: por que eu não podia ser igual a uma princesa?” (ANTONIO, 2011, s/p). Não havia nada que pudesse provar a Odara o seu valor. Ela precisava de ajuda, e a ajuda chegou. Ouvindo o desejo mais profundo do coração de sua netinha, a avó não explicou que ela já era uma princesa, mas perguntou “Minha neta, que tipo de princesa você quer ser?” essa reação deixou Odara muito surpresa, sem compreender, como seria possível existir mais de um tipo de princesa? Sabendo que não seria tarefa fácil, a avó escolheu um outro meio de fazer Odara enxergar as personalidades de princesas que realmente existiram.

A avó deu um banho repleto de folhas, carinho e cuidado na menina e em seguida pediu que ela vestisse uma roupa branca e fosse dormir. Esse processo simboliza a iniciação, o primeiro contato da pessoa com a religião de matriz africana... Odara salienta “Choveram pétalas amarelas no meu sonho” (ANTONIO, 2011, s/p). Nesse ritual, cada pessoa recebe um orixá como divindade espiritual. A cor amarela nesta passagem é usada para representar Oxum, uma das orixás mais conhecidas e cultuadas da Umbanda e Candomblé.

No dia seguinte, a pedido da avó a menina vai até o rio jogar as flores. Depois de devolver as flores a natureza, Odara mais uma vez questiona “Por que eu não podia ser igual a uma princesa?” (ANTONIO, 2011, s/p). É aí que Odara se depara com uma mulher no rio, descrita como muito bonita, muito enfeitada, mas que não parecia ser uma princesa. Era Oxum, e com o seu Abebé (espelhinho), apresentou a Odara várias princesas africanas que eram suas ancestrais. Odara ficou encantada com as histórias de Oyá, Nzinga, a própria Oxum, e por fim, a avó da sua avó e descobriu que ela era uma princesa, trazida da África para a Bahia.

A garota estava confusa e maravilhada ao mesmo tempo. Na sua cabeça acontecia uma revolução, da mente de Odara os pensamentos gritavam: “Desde quando princesa faz tudo sozinha? Ou tem superpoderes? E não teme nem mesmo a morte? [...] Ué, uma princesa que não fica chorando à espera do príncipe?” (ANTONIO, 2011, s/p). Assim, enxergou sua beleza, sua força e viu o que tornara estas mulheres verdadeiras princesas não estava no padrão de beleza, nem era o casamento, tão pouco a salvação vinda de um príncipe. Estava na força, na determinação, na coragem, na inteligência, na empatia com o próximo e na resistência.

Diante de tantas descobertas ela pôde desconstruir o conceito que ela tinha sobre o que era bonito, o que era feio, o que era digno de ser honrado, o que era glorioso. Vejamos o trecho: “Chorei. As lágrimas tinham sabor de sal e de revelação” (ANTONIO, 2011, s/p). O coração de Odara foi tocado e ela enfim, reconheceu a sua verdadeira história, sua identidade, identidade de uma princesa, mas não uma princesa dos contos de fadas, um princesa real, que brinca, que apronta, que tem suas próprias escolhas. Para finalizar o momento da descoberta o autor traz uma mensagem na fala da personagem: “Mergulhei no meu rio e saí de lá diferente” (ANTONIO, 2011, s/p), salientando que o rio que Odara está citando é literal, um rio interno que somente ela tem acesso, assim como somente ela tem o poder de transformar e mudar o curso deste rio através do conhecimento. O que a faz tão importante e digna de ser uma princesa é o que ela tem de mais bonito, o seu coração.

Por fim, a garota exalta a sua cultura e afirma sua identidade, a consolidando como uma princesa diferente: “Meu nome nunca foi Stephanie com P e H. Eu me chamo Odara. Nome de princesa nada, nada boba” (ANTONIO, 2011, s/p).

Na obra, quando Stephanie passa a conhecer as histórias de seus antepassados, encontrando força e beleza nessas representações, sua identidade passa por um processo de desconstrução para se reconstruir, transformando a visão de mundo que ela, agora firme como Odara, tinha. Esse processo é o que Hall (2005) chama de declínio das velhas identidades, e acessão de uma identidade nova.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou um estudo mais aprofundado sobre o negro e a identidade feminina, principalmente a identidade da mulher negra, de como ela foi construída e estereotipada desde o início da escravidão e a importância de tal desconstrução. *Uma Princesa Nada Boba* permite uma gama de discussões, apontando a importância de conhecer sua cultura, pois foi através desse conhecimento que Stephanie se aceitou como Odara, que por sua vez, se reconheceu como uma princesa, inteligente e nada boba. Porque enxergou além do que a sociedade lhe impunha. Esse é também um dos papéis fundamentais da

literatura, ampliar a visão de mundo, mostrando ao outro que o mundo é muito maior que apenas o que ele consegue enxergar.

A cultura afro-brasileira vem ganhando espaço na literatura, possibilitando debates muitas vezes esclarecedores. É justamente isso que a Lei 10.639/03 possibilita ao negro. Promover discussões sobre a temática étnico-racial e isto pode ser amplamente discutido em sala de aula, corroborando com a quebra de preconceitos e intervindo numa construção de uma nova identidade. Elaborando uma nova visão com relação aos afrodescendentes. E que nesta análise também enaltece Odara. A literatura tem o poder de transformar o mundo... Ainda que esse mundo seja o individual de cada ser humano.

Apesar de ser, inicialmente, uma obra infantojuvenil, a ressignificação de Odara pode se fazer representar por mulheres de todas as idades. Ao fim do poema, temos não apenas o empoderamento de Odara, mas também sua amiga Ana, que ao ouvir as experiências vividas da amiga também compreendeu o verdadeiro significado de ser uma princesa e se reconheceu como uma de fato.

O desfecho lindo e inspirador nos faz refletir sobre a importância de manter viva as tradições do nosso povo ao mesmo tempo que chama atenção para a necessidade de transcrever para a escrita, histórias como as que foram contadas a protagonista deste enredo e outras que nós desconhecemos, mas que permeia o imaginário coletivo em várias regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. **A mestiçagem como um processo de re-significação de identidades**. Disponível em: <https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/a_mesticagem_como_um_processo_de_resignificacao_de_identidades.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ANTONIO, Luiz. **Uma Princesa Nada Boba**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ASHOKA. **Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3. ed. Tradução Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2003.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- COLOMER, Teresa. **Introdução a literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Entrevista com Conceição Evaristo. **Diário do litoral**. Maio de 2019. Disponível em: <diariodolitoral.com.br>. Acesso em: 16 set. 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. In: **Revista brasileira de educação**, n. 23, agosto de 2003.
- GRIMM, Wilhelm Karll. **Os 77 melhores contos de Grimm**. 1. ed. Volume 1. Wilhelm Karl Grimm, Jacob Ludwig Karl Grimm; organização Luciana Sandroni; ilustrações Ramirez; tradução de Íside M. Bonini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JESUS, J. P. de. Terreiro e cidadania: um projeto de combate ao racismo cultural religioso afro e de implementação de ações sociais em comunidadesterreiros. In: NASCIMENTO, Thaís. **Anastácia: resistência negra santificada**. Maio de 2016. Disponível em: <ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/3526/anastacia-resistencia-negra-santificada>. Acesso em: 17 set. 2019.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PRANDI, Reginaldo. Entrevista com Reginaldo Prandi. **Revista último andar**. Junho de 2007. Disponível em: <revistas.pucsp.br.>. Acesso em: 14 mai. 2014.

_____. Referências sociais das religiões Afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, junho, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário escolar**: língua portuguesa. Blumenau, SC: Todolivro, 2007. 352p.